

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde

Class.: 81X-Querup-Novitas

Data: 16/07/84

Pg.: 513



Young e os índios: dia inesquecível.

A vice-ministra inglesa dos Negócios Estrangeiros, a baronesa Jeanete Young, provavelmente nunca esquecerá a viagem de dois dias que fez sexta-feira e sábado ao Alto Xingu, onde visitou três aldeias de tribos indígenas. Os índios, com toda a certeza, também não esquecerão.

Se para a baronesa o espetáculo foi algo inédito, para os índios foi um decepção. Jeanete Young talvez esperasse encontrar uns animais selvagens travestidos de seres humanos, dispostos a fazerem gracinhas para agradá-la. Os índios esperavam bem mais que isso, traduzido em bens materiais. Por isso, os dois canivetes suíços que ela doou a Aritana, na aldeia de Yaualapiti, quase foram rejeitados. O cacique recebeu-os de má vontade, e logo depois repassou para uma criança da tribo, que se encontrava a seu lado.

Antes, Aritana quis saber como a baronesa e o governo inglês poderiam ajudá-los, mas recebeu uma evasiva da senhora Young: "Eu entendo a necessidade por que passa a comunidade", disse ela através de um intérprete. "Mas o propósito da minha visita é, justamente, o de conhecer esta necessidade. Não se está tratando de nenhum projeto especial imediato. Isto não quer dizer que não possamos ajudar, mas este não é o propósito da viagem."

Acompanhada de uma comitiva de 15 pessoas, que incluía desde uma secretária, o embaixador inglês no Brasil e a mulher, enfermeira, médico e tradutor, a baronesa viajou pelo menos sete horas num avião da Funai, a um custo horário estimado em um milhão de cruzeiros, percorrendo as aldeias de São Marcos, onde estão os índios Xavantes, Yaualapiti onde estão os Camanras, e, na ilha do Bananal, encontrou-se com os índios Carajás.

Além de matar a curiosidade da senhora Young, a viagem só teve algum proveito porque os índios puderam fazer algumas reivindicações a funcionários da Funai que estavam em sua companhia. Os Yaualapiti, por exemplo, querem que a FAB retire

imediatamente de suas terras cerca de 500 cabeças de gado que está criando para seu próprio uso, ou façam a doação do gado, para matança imediata.

Eles alegam que não têm qualquer experiência na criação de gado e que, estando em suas terras, os bois só servem para sujar o rio Araguaia, sua fonte de sobrevivência: é de lá que eles tiram a água que bebem e com que fazem um ralo mingau de mandioca que lhes serve de desjejum, além do peixe, base da alimentação das aldeias.

O cacique Aniceto aproveitou também para reclamar do atraso da liberação dos recursos do Ministério do Interior, que este ano somam Cr\$ 1 bilhão. Megaron, atualmente diretor do Parque do Xingu, reclamou da necessidade de sementes, facções e machados para tocar a roça de arroz e milho nas comunidades.

Madame Young acabou ganhando mais do que dando aos índios. Recebeu presentes, como cocares, em cada um das tribos que visitou; viu a dança indígena; e ganhou um mimo da cunhada de Aritana, Piracuna, que a pintou no rosto com uma tinta feita de carvão vegetal.

Tudo isso antes que ela dissesse a que vinha. Quando mostrou que só trazia na bagagem uns dois minguaos canivetes suíços, umas bonequinhas para as meninas índias brincarem, algumas redes para dormir e poucos anzóis para a pesca, deveria ter saído mais rápido do Parque do Xingu, porque um velho índio comentava com desagrado: "Mulher inglesa muito pão-dura. A gente queria coisa grande e ela vem com canivete. Nós queria coisa como trator, pra poder plantar arroz".

O cacique Raoni também não se negou a falar sobre o problema de Bauru, envolvendo o indigenista Alvaro Villas Boas. Da família ele tem uma péssima impressão, pois Alvaro já trabalhou no Xingu. "Ele gritava com a gente, e índio não gosta de grito. A Funai deveria pôr um índio também em Bauru", disse o cacique.